

---

## Diagramas semióticos pelas fronteiras entre biografia, cinema e literatura<sup>1</sup>

Patricia de Oliveira Iuva<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina /Universidade Federal da Bahia

### Resumo

A pesquisa busca compreender o funcionamento das narrativas biográficas enquanto processos tradutórios da memória cultural. A partir de diferentes sistemas modelizantes da cultura – o cinema e a literatura –, objetiva-se analisar a estruturalidade de cada um desses sistemas e a zona de fronteira entre eles com intuito de desvelar processos diagramáticos, tomando como base as biografias gráficas e cinematográficas de Hannah Arendt e Rosa Luxemburgo. Mais especificamente, opera-se com as cinebiografias *Rosa Luxemburgo* (1986) e *Hannah Arendt* (2012), ambas dirigidas pela cineasta alemã Margarethe Von Trotta, e duas *graphic novels*: *Rosa Vermelha – uma biografia em quadrinhos de Rosa Luxemburgo* (2017), de Kate Evans, e *As três fugas de Hannah Arendt – uma tirania da verdade* (2021), de Ken Krimstein. Os pressupostos teórico-metodológicos percorrem pistas que entrecruzam um pensamento semiótico biodiagramático a partir de Décio Pignatari (1996), Iuri Lotman (1996;1998;2000), Irene Machado (2003) com os estudos de Leonor Arfuch (2010), François Dosse (2015) e Phillipe Lejeune (2014).

**Palavras-chave:** semiótica da cultura; fronteira; biografia; *graphic novel*; cinema

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa que propõe questionamentos semióticos acerca de um gênero discursivo muito antigo, mas que persiste e insiste sob diferentes arranjos de linguagem: a biografia. A partir de diferentes sistemas modelizantes da cultura – o cinema e a literatura –, objetiva-se compreender a estruturalidade de cada um desses sistemas e a zona de fronteira entre eles com intuito de desvelar processos diagramáticos a partir das biografias gráficas e cinematográficas de Hannah Arendt e Rosa Luxemburgo. No projeto, estou trabalhando com as cinebiografias *Rosa Luxemburgo* (1986) e *Hannah Arendt* (2012), ambas dirigidas pela cineasta alemã Margarethe Von Trotta, e duas *graphic novels*: *Rosa Vermelha – uma*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação – Cinema do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 5 a 9 de setembro de 2024.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Artes no Curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (POSCOM- UFBA) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, sob supervisão do Prof. Dr. Fábio Sadao Nakagawa, professor permanente do POSCOM- UFBA e, também, do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (POSCULT-UFBA).

---

*biografia em quadrinhos de Rosa Luxemburgo* (2017), de Kate Evans, e *As três fugas de Hannah Arendt – uma tirania da verdade* (2021), de Ken Krimstein. Os pressupostos teórico-metodológicos percorrem pistas que entrecruzam um pensamento semiótico biodiagramático a partir de Décio Pignatari (1996), Iuri Lotman (1996;1998;2000), Irene Machado (2003) com os estudos de Leonor Arfuch (2010), François Dosse (2015) e Phillipe Lejeune (2014).

### **Sobre linguagens e subjetividades**

O entendimento dos sistemas modelizantes enquanto sistemas comunicativos e organizado por signos, cuja estruturalidade se dá nas relações, é o primeiro passo para a conformação do projeto. Portanto, o foco inicial recai sobre as relações que o sistema modelizante gráfico visual (*graphic novels*) estabelece com o sistema cinematográfico, aqui circunscritos pelo “espaço biográfico” (ARFUCH, 2010). Há mais de dois séculos a biografia acompanha a produção discursiva obsessiva, incansável e repleta de rastros, traços, inscrições da vida do outro (ou de si). Para além de uma proliferação de diferentes formas de manifestação da biografia, Arfuch (2010) argumenta que talvez o dilema central esteja localizado numa “tonalidade particular da subjetividade contemporânea”. Assim, para a autora o que estaria em jogo não diz respeito à diferença entre os gêneros discursivos, mas sim na sua coexistência. Compartilhando dessa inquietação, o projeto dialoga com tais reflexões buscando construir um biodiagrama de Hannah Arendt e Rosa Luxemburgo a partir das fronteiras semióticas dos respectivos filmes e *graphic novels*. Trata-se de indagar sobre as relações de sentido processadas entre linguagens e sistemas de signos culturais, a fim de compreendermos recorrências e singularidades de tais procedimentos estético-discursivos. Como afirma Machado “É como comunicação que códigos, linguagens, sistemas de signos interagem e autorregulam os movimentos da continuidade e da renovação fundamental para a geração de informação nova, que pode ser, agora, entendida num gradiente que vai do amplo processo de significação, à singularidade da interpretação e à explosividade do sentido” (2013, p.8).

É válido lembrar que para Décio Pignatari (1996), toda biografia pode ser entendida enquanto um biodiagrama, ou seja, um conjunto de signos (coleta de biografemas) para a montagem de uma biodiagramação. Para Pignatari a biografia se fundamenta na intencionalidade e na montagem de uma estratégia analítica para a

---

interpretação da vida do outro, constituindo-se, portanto, numa narrativa, enquanto sistema de signos. Assim, uma biografia coloca o leitor ou usufruidor frente a um sistema de signos e não, necessariamente, face ao ser humano, cuja história é reconstruída. Daí que as subjetividades passam a se constituir enquanto narrativas. No caso do cinema, o filme biográfico, para a pesquisadora Cristiane Freitas Gutfreind (2013), é o instrumento de um cinema preocupado com a realidade histórica:

Esse gênero, híbrido por excelência, transita entre o filme político, o dramático-social e, naturalmente, o histórico. O filme biográfico permite, portanto, identificar fenômenos históricos, definir e desmitificar a permanência de certos traços e estilos culturalmente determinados. De acordo com Siegfried Kracauer (2006), esse tipo de análise sustenta a relação entre a escrita da história e a concepção cinematográfica, resultando em uma poética de escrita crítica que contribui com a história dos discursos críticos (GUTFREIND, 2013, p.100)

Ora, ao assumirmos que, mesmo comprometido com a história, o filme biográfico vale-se de uma dada poética na construção narrativa dos fatos, entendemos que estamos diante de uma dada representação. Ainda sobre cinebiografias, Irene Machado (2017) as entende como uma espécie de cinepensamento:

Na ausência das ações e das paixões que constituem os conteúdos humanos de toda biografia, trabalha-se com a especulação das ideias e dos ideais políticos da militância da época. Cria-se, por conseguinte, uma forma deliberada de diagrama lógico de exercício especulativo cinematográfico, não limitada sequer a um único filme, mas recorrente a todo um campo de manifestações e sistemas comunicacionais (MACHADO, 2017, p.231).

Tal proposição está em consonância com o conceito de diagrama peirceano, uma vez que para Peirce (2009) todo raciocínio necessário é, sem exceção, diagramático. Isto é, construímos um ícone do nosso estado de hipótese e, em seguida, começamos a observá-lo. É nessa trama de hipóteses e especulações com os filmes dirigidos e roteirizados por Margarethe Von Trota, em conjunto com as graphic novels, que uma série de questões podem ser formuladas:

a) como se dão os processos biográficos nos diferentes sistemas modelizantes do cinema e das graphic novels?<sup>3</sup>

b) para além dos traços distintivos dos diferentes sistemas modelizantes, em que medida podemos identificar singularidades ou recorrências nos procedimentos narrativos?

---

<sup>3</sup> Uma hipótese ainda em construção é a abordagem das biografias (ou narrativas biográficas) como processos tradutórios da memória.

---

c) diante dos diferentes contextos sócio históricos de produção, como se dá a variação espaço-temporal (cronotopo) em cada uma das obras?

Esse pequeno mapa de perguntas constitui um ensaio para a formulação de um problema de pesquisa, o que evidencia o estágio ainda embrionário do projeto. No entanto, é possível afirmar, a partir de uma lógica peirceana, que o estado hipotético é fulcral para formulação subsequente das investigações e que a parte mais difícil jaz sobre a determinação das categorias e critérios a serem analisados e qual melhor plano (e/ou metodologia) para isso. Ainda, segundo Peirce, em certo momento, abstrações adequadas se fazem necessárias. Diante disso, o recorte deste estudo vislumbra que as criações cinematográficas de Margarethe Von Trotta, bem como a das *graphic novels* de Kate Evans e Ken Krimstein, contaminadas pela memória dos textos culturais, sejam eles da esfera pública e de ordem política, ou da esfera privada e de ordem pessoal, pode configurar uma espécie de biodiagrama que reflete não somente a vida íntima de Hannah Arendt ou Rosa Luxemburgo, mas, principalmente, a atuação política e a sobrevivência de ambas como personalidades históricas femininas que hoje tem muito a dizer para as teorias e os movimentos feministas.

### ***O viés semiótico da cultura***

Ao longo da história, pode-se constatar que o surgimento do cinema se dá a partir de curiosidades científicas, parte para uma prática artística e, posteriormente, a partir da “criação” do que entendemos hoje por linguagem cinematográfica, passa a se organizar em torno de um modelo industrial, possibilitado pelas reproduções/cópias. Sendo assim, tem-se uma estrutura complexa, quer dizer, uma ciência, cuja vocação artística encontra-se com uma dimensão industrial que se dissemina em larga escala devido aos desenvolvimentos tecnológicos e de mercado.

O cenário descrito acima nos possibilita pensar o cinema enquanto um sistema da cultura, cuja estruturalidade se arranja a partir de diferentes códigos, textos e fronteiras. A compreensão de uma dada cultura passa pelo cinema se pensarmos o mesmo enquanto um sistema modelizante capaz de organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem por meio das relações sócio-culturais, ou ainda, por meio da linguagem:

---

A estruturalidade define o traço da cultura enquanto texto não pelo fato de este ser dotado de uma estrutura codificada, mas porque no centro do sistema se aloca “um manancial tão vigoroso de estruturalidade” que é a linguagem. Estruturalidade é a qualidade textual da cultura sem a qual as mensagens não podem ser reconhecidas, armazenadas e divulgadas. Assim, os sistemas culturais são textos não porque se reduzem à língua mas porque sua estruturalidade procede da modelização a partir da língua natural (MACHADO, 2003, p.39).

É diante do panorama teórico-metodológico da semiótica da cultura, em que a compreensão dos meios passa por um viés sistêmico, que o presente artigo tem como objetivo investigar as fronteiras semiótico-estéticas entre diferentes sistemas de linguagem (o cinema e a literatura) a partir de narrativas biográficas.

Pretende-se apontar traços, ou ainda, compreender a formação de biodiagramas a partir das contaminações entre o cinema e as HQ's. Para isso, tanto o cinema quanto a literatura são pensados enquanto sistemas modelizantes, já que a modelização, tal como foi entendida pelos semioticistas da cultura, não pode ser dissociada do movimento de relações sógnicas entre os sistemas, movimento esse a que denominamos semiose:

Todo sistema possui um entorno e estabelece contínuas trocas com outros conjuntos, de modo que as mensagens externas são “filtradas”, acarretando a contínua reordenação das formações sistêmicas. Tais dados procedentes de outras esferas são as variantes, uma vez que sua presença num sistema depende da correlação estabelecida com outras conformações sógnicas (NAKAGAWA, 2007, p.43)

O entendimento de sistema modelizante enquanto um sistema comunicativo e organizado de signos, cuja estruturalidade se dá nas relações, é o primeiro passo para adentrar na discussão das narrativas biográficas que vão ganhar materialidade em filmes e HQ's.

### ***Entre a biografia e a história***

No cerne do projeto propõem-se questionamentos que buscam colocar em diálogo aspectos históricos e biográficos no cinema a partir das obras da cineasta alemã Margarethe Von Trotta, mais especificamente os filmes *Rosa Luxemburgo* (1986) e *Hannah Arendt* (2012). Os pressupostos metodológicos percorrem pistas que entrecruzam o pensamento semiótico diagramático com os apontamentos da crítica de processo (SALLES, 2006) e proposições da teoria de cineastas (AUMONT, 2012), de

---

modo que a análise reflete sobre os gestos de criação que circundam o processo cinematográfico de Von Trotta.

Compreendemos que o lugar assumido por Margarethe Von Trotta em ambos os filmes, assinando a direção e o roteiro, localizam a cineasta no centro de um espaço de criação estética e discursiva, do qual reverberam uma série de questionamentos que nos instigam a refletir acerca de determinados gestos criativos e possíveis atos teóricos. Intuímos que no cinema de Von Trotta há rastros que nos possibilitam tensionar aspectos de um fazer cinematográfico que busca dar conta de acontecimentos e/ou personalidades históricas (como é o caso de Rosa Luxemburgo e Hannah Arendt) – um lugar entre a biografia e a história.

A busca pelos gestos de criação de Margarethe Von Trotta parte, portanto, de inquietações sobre como o seu cinema representa personagens cujas biografias repercutiram em conjunto com acontecimentos históricos e políticos expressivos na Alemanha (e no mundo). Trata-se de indagar sobre as relações de sentido processadas entre linguagens e sistemas de signos culturais, a fim de compreendermos a singularização de um procedimento estético e discursivo. Como afirma Machado “É como comunicação que códigos, linguagens, sistemas de signos interagem e autorregulam os movimentos da continuidade e da renovação fundamental para a geração de informação nova, que pode ser, agora, entendida num gradiente que vai do amplo processo de significação, à singularidade da interpretação e à explosividade do sentido” (2013, p.8).

Diante disso, vislumbramos a possibilidade de compreender a cine-escritura de Von Trotta como um ato teórico diagramático que evidencia uma fronteira semiótica entre o biográfico e o histórico, ou seja, filmes que conjugam memórias de vida, bem como uma memória histórica. Ou seja, a criação cinematográfica dos filmes de Margarethe Von Trotta, contaminada pela memória dos textos culturais pode produzir teoria.

Para fins de análise, nos debruçamos sobre os filmes, mas também sobre diferentes paratextos que podem operar no sentido de evidenciar as processualidades, uma tessitura de inferências, referências, anotações, etc. Assim, o corpus é formado pelas obras cinematográficas e por uma série de entrevistas concedidas por Von Trotta para a crítica especializada e/ou para revistas acadêmicas.

---

## Referências bibliográficas

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AUMONT, Jacques. **As teorias dos cineastas**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2015.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

GROENSTEEN, Thierry. **Comics and narration**. Oxford: University Press Of Mississippi, 2013.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. **Figuras do mal no filme biográfico brasileiro**. In: Revista Significação, v. 40, nº 40, 2013.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto** (trad. Desiderio Navarro) Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conduct y del espacio** (trad. Desiderio Navarro). Madrid: Cátedra, 1998.

LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera III: semiótica de las artes y de la cultura** (trad. Desiderio Navarro). Madrid: Cátedra, 2000.

MACHADO, Irene. (org). **Diagramas: explosões no pensamento-signo dos espaços culturais** São Paulo: Alameda, 2016.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MACHADO, Irene. **Diagrama como problema semiótico: a atividade do Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação**. Revista Semeiosis, Vol. 1. São Paulo, 2013.

MACHADO, Irene. **Exercícios especulativos audiovisuais na cinematografia política**. In: P.R. Gonçalves-Segundo (Org.). **Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais**. São Paulo: Paulistana, 2017.

PIGNATARI, Décio. **Para uma semiótica da biografia**. In: HISGAIL, Fani (org.). **Biografia como sintoma da cultura**. São Paulo: Kacker Editores Cespuc, 1996.